

O conceito de diálogo e o de monólogo entre russos no início do século XX: aproximações e distanciamentos

The concept of dialogue and monologue among russians at the beginning of the 20th century: approaches and distances

Dagoberto Buim Arena¹

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo principal a análise dos conceitos de diálogo e de monólogo em Vigotski, Volochinov, Jakubinskij e Scherba, para confrontar os seus estudos, considerando-se a relação entre os dois primeiros com Jakubinskij, e por meio dele a relação com Scherba, este último referência de todos. Para promover esse confronto foram consultadas obras em francês que abordam o pensamento de Volochinov, Jakubinskij e Scherba, e em espanhol o de Vigotski. A conclusão é a de que Vigotski manteve os princípios defendidos pelos mestres, mas Volochinov, em suas reflexões, ampliou o conceito de diálogo, elegeu o enunciado como objeto de suas pesquisas sobre linguagem, e relegou o monólogo ao mundo da abstração.

Palavras-chave: Diálogo. Monólogo. Jakubinskij. Scherba. Vigotski. Volochinov.

ABSTRACT

This essay has as main objective the analysis of the concept of dialogue and monologue in Vygotsky, Volochinov, Jakubinskij and Scherba, to confront their studies, considering the relation between the first two with Jakubinskij, and through him the relation with Scherba, the latter was a reference for all. To promote this confrontation, works were consulted in French that approach the thought of Volochinov, Jakubinskij and Scherba, and in Spanish the thought of Vygotski. The conclusion is that Vygotsky maintained the principles defended by the masters, but Volochinov, in his reflections, widened the concept of dialogue, chose the statement as the object of his research on language, and relegated the monologue to the world of abstraction.

Keywords: Dialogue. Monologue. Jakubinskij. Scherba. Vygotsky. Volochinov.

1 Introdução

Há, entre os estudiosos, brasileiros e estrangeiros, um desejo sempre anunciado, mas pouco efetivado, de aprofundar pesquisas em direção a conceitos aproximados entre Lev Vigotski (1898-1938) e Mikhail Bakhtin (1895-1975). Aqui no Brasil, Freitas (1994) já dera importante contribuição com o seu estudo

¹Doutor em Educação. Livre-Docente em Leitura. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Didática da Unesp – campus de Marília.

sobre a entrada das ideias de ambos no Brasil, nos anos 1980 e 1990, notadamente no campo da Educação. Quase trinta anos depois, novas publicações atualizam e cuidam com mais rigor do pensamento de Vigotski, de um lado, e de outro, de algumas obras, entre as quais *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL)², atribuída a Bakhtin na primeira edição brasileira, mas que recebeu recentemente (2012) no mundo francofônico outra tradução, agora em nome exclusivo de Valentim Volochinov (1894-1938)³. Aqui no Brasil, em abril de 2017, a editora 34 colocou no mercado editorial uma nova tradução, diretamente do russo, feita por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Compõem o volume um esclarecedor ensaio introdutório de Sheila Grillo e um anexo com o Relatório de Atividades de Volochinov, de 1927-1928, com o planejamento em capítulos de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Alterados o cenário e seus atores, parece ser necessário retomar, neste momento histórico, os pontos de aproximação e de distanciamento entre alguns conceitos que se cruzam, se tocam e se afastam na obra dos dois pesquisadores, encontrados em *Pensamiento y Lenguaje*, edição da espanhola Visor, (1997) de Vigotski, e em *Marxisme et Philosophie du Langage* (MPF), de Volochinov, edição em francês, tradução do russo por Tylkowski-Ageeva e Patrick Sériot, e *A estrutura do enunciado* (1981), tradução para o francês de Tzvetan Todorov. Esta referência será mantida, mesmo após a publicação da nova edição traduzida por Sheila Grillo em virtude de este artigo ter sido elaborado antes de a obra vir a público. Somente no momento da revisão final para publicação deste ensaio é que foi possível introduzir estas notas explicativas.

A hipótese de que existam traços conceituais próximos entre eles se baseia fundamentalmente no fato de que ambos viveram na mesma época, no mesmo país, embora não na mesma cidade. Enquanto Volochinov estudava em São Petersburgo, Vigotski pesquisava em seu laboratório em Moscou. Tanto em uma

² A partir de agora, a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* será referenciada pela sigla *MFL*. Quando a edição citada for a francesa, traduzida por Tylkowski-Ageeva e Patrick Sériot, a referência será *MPL* (*Marxisme et Philosophie du Langage*).

³ A grafia do nome obedecerá a obra citada, ora Volochinov, ora Volosinov. Quando não houver citação, a grafia será a usada no português – Volochinov. O mesmo procedimento será adotado em relação a Vigotski: as grafias obedecerão às referências. Quando não houver, o uso será Vigotski.

cidade como na outra, o clima cultural, político, científico e econômico era o da revolução marxista que penetrava mais em certos círculos que em outros, no vasto mundo das ciências humanas. É nesse contexto que Volosinov (2010) dá seus passos para a formulação do que considerava uma visão marxista dos estudos de linguagem, ao afirmar categoricamente na primeira linha do prólogo de MFL que “não existe até estes dias nenhuma obra de orientação marxista em filosofia da linguagem (VOLOSINOV, 2012, p.115).⁴ Apesar de categórica, a afirmação não se sustentou; tombou ferida por outros estudiosos da época, entre os quais a linguista russa, dele contemporânea, Rozalia Shor (1894-1939), que não via sua obra como essencialmente marxista (TYLKOWSKI, 2012).

De seu lado, Vigotski ensaiava também a elaboração do que considerava ser o caminho para elaboração de uma psicologia objetiva, de natureza social, necessária para estudar o homem projetado pela nova ordem sócio-econômica, na qual considerava como um dos temas importantes a relação entre pensamento e linguagem. O tema que vai interessar aqui são os seus escritos sobre linguagem, especificamente sobre monólogo e diálogo, por ser esse o tema comum entre ele e Volochinov a ser aqui abordado. Por essa razão, o ponto de partida será o contexto em que respiravam e a efervescência científica nesse campo na Rússia, entendido esse contexto como as discussões que se desenrolavam no mesmo período nas instituições científicas, e as obras e autores que podem ser “fontes de inspiração e de reflexão para um pesquisador e cujo conhecimento é indispensável para interpretar seus trabalhos”. (TYLKOWSKI, 2012, p.12).

Para isso, será necessário visitar algumas fontes, já apontadas no início do próximo tópico chamado *Diálogo e monólogo: fontes e pontos de vista*. Nele serão comentados o conceito de *fato social*, algumas metáforas, particularidades sobre linguagem comuns entre Volochinov, Vigotski, e alguns dos autores que compõem suas fontes. No segundo tópico, *O diálogo e o monólogo: aproximações e distanciamentos entre mestres e discípulos*, serão comentados aspectos aproximativos entre Vigotski e Jakubinskij, e distanciamentos entre eles e Volochinov, e ainda conceitos como *troca verbal* e opções de tradução da palavra

⁴ As traduções de citações retiradas de livros em língua estrangeira serão de responsabilidade dos autores deste artigo.

russa *obsenie*. No último tópico - *A complexidade do monólogo em relação ao diálogo: outras aproximações entre Jakubinskij e Vigotski* - serão apontadas semelhanças do discurso de ambos, notadamente as de escolha de palavras próximas, de conceitos e de exposição de argumentos que se tocam ou se afastam. A *Conclusão* tem como fio a idéia de que houve uma intensa atividade dialógica entre todos os autores referenciados no início do século XX a respeito da construção das noções de monólogo e de diálogo, mas nem sempre claramente exposta pelos autores que são tratados deste ensaio. Deste modo, ao iluminar as fontes, relativiza-se a originalidade de algumas afirmações e, em movimento de contradição, evidencia-se a posição de Volochinov de que todas as manifestações de linguagem, orais e escritas, em qualquer gênero, compõem, com suas ligações, uma inesgotável rede dialógica, cultural, temporal, espacial e histórica.

Diálogo e monólogo: fontes e pontos de vista

Volochinov (2010) e Vigotski (1997), por terem respirado os mesmos ares intelectuais e políticos da Rússia revolucionária, não deixaram de tocar em dois conceitos fundamentais na área dos estudos de linguagem: a dialogia e a monologia. Para o primeiro, o diálogo se caracteriza pela troca verbal, que materializa, nas interações humanas, o enunciado, objeto por ele eleito como o nuclear em todo o seu trabalho de investigação sobre linguagem. Para o segundo, os dois conceitos ganham relevância em seus estudos sobre a transformação da linguagem exterior, dialógica, em linguagem interior, que, ao ser objetivada, tende a ocupar instâncias de natureza monológica.

Para entrar por esse labirinto, convém inicialmente tomar como guia os estudos de Tylkowski a respeito da biblioteca virtual de Volochinov, e de encontrar aí algumas convergências com os comentários feitos diretamente por Vigotski, especificamente no que concerne aos primeiros esboços elaborados por um de seus mestres e também de Volochinov, Lev Jakubinskij⁵ (1892-1945). Apesar de idades muito próximas – Jakubinskij nascera em 1892 e Volochinov em

⁵ A grafia utilizada será Jakubinskij, a mesma adotada por Marcos Bagno na tradução de *Sobre a fala dialogal*, São Paulo, Parábola, 2015.

1894 – o primeiro ocupava a função de professor no Instituto de Línguas e Literaturas do Oriente e do Ocidente (ILJaZV, sigla em russo) em Petrogrado/Leningrado/Stalingrado/São Petersburgo, onde o segundo realizou seus estudos de doutorado sob a orientação do primeiro. Na obra organizada por Sériot (2010), uma nota introdutória do relatório acadêmico de 1925-1926 de Volochinov (na verdade, era a estrutura e o primeiro esboço do que viria a ser MFL) registra que junto ao documento foram encontrados relatórios “dos professores J. Jakubinskij (1892-1945) e V. Desnikij (1873-1958), atestando suas qualidades como pesquisador e marxista confirmado”. (SÉRIOT, 2010, p.469).

Assumindo, no entanto, o princípio de que todas as pesquisas compõem um infundável diálogo, torna-se necessário avançar um pouco mais em direção a outros pesquisadores que fizeram do diálogo o objeto de sua atenção e que se tornaram, por essa razão, também fontes de Jakubinskij e Volochinov, entre os quais se destacam o russo-americano Sorokin (1889-1968) e seu conceito de *fato social*, e o russo de origem franco-espanhola Roberty (1843-1915).

Ao retomar as abordagens de Volochinov ao tema, Tylkowski (2012) evidencia a noção ampla de diálogo, desde uma conversação direta entre indivíduos, a já conhecida expressão *face a face*, como também toda troca verbal oral ou escrita, em situações imediatas, ou distanciada no tempo e no espaço. Essa amplitude em relação ao diálogo a distância fora formulada por Roberty e Sorokin que, segundo Tylkowski, insistiam no

caráter permanente, ininterrupto da interação social. Volosinov amplifica essa idéia. Ele encontra a troca, o diálogo, em tudo o que cada um diz, escreve ou pensa. Para Volosinov, tudo é dialógico, tudo é troca de réplicas, ou de ações e de relações segundo Roberty e Sorokin. Fora das trocas imediatas do cotidiano, são dialógicos o discurso de um orador, as aulas de um professor, as reflexões que se faz em voz alta, a leitura de um texto (Volosinov, 1930^a, p.68, 97) e mesmo o discurso interior. (TYLKOWSKI, 2012, p.231).

As situações citadas, caracterizadas como dialógicas, apesar de alargadas, são ainda insuficientes e restritivas em relação à amplitude que o conceito adquire em Volochinov (2010) e em um de seus mais conhecidos interlocutores, Mikhail Bakhtin (2003).

Em seu Relatório de Atividades de 1927-1928 (2012, p.511) Volochinov insiste afirmar que

O diálogo, no sentido estrito do termo, é uma das formas (a mais importante, certamente) de interação verbal. Mas pode-se compreender o diálogo de modo mais largo, incluindo aqui não somente uma troca verbal em voz alta, face a face, mais ainda toda troca verbal de qualquer tipo que seja. Um livro, quer dizer uma *intervenção verbal impressa*, é também um elemento de troca verbal.

O vínculo com Sorokin, nesse campo, embora seu conceito fosse mais estreito, permanece quase obscuro nos escritos volochinovianos. Tylkowski (2012) estabelece outras relações entre Sorokin e Volosinov: para eles, a interação é compreendida como “influência recíproca dos participantes, dito de outra maneira, como um processo pelo qual os sujeitos se influenciam mutuamente sobre o comportamento, ideias e sentimentos que eles experimentam.” (TYLKOWSKI, 2012, p.232). Esse ponto de vista é fundamental porque é a pedra de toque do diálogo compreendido como uma manifestação que afeta os interlocutores, um processo em que um somente dá o que tem pela linguagem se o outro fizer o mesmo. O diálogo assim concebido é troca, é um escambo feito com linguagem.

Esse movimento entre monologia e dialogia é encontrado com frequência em Volochinov. Ao elaborar a conhecida crítica ao pensamento saussuriano, ele afirma, na tradução francesa, versão de Tylkowski-Ageeva e Sériot (2012) que

A realidade efetiva da linguagem [jazyka-reci] não é um sistema abstrato de formas linguísticas, nem um enunciado monológico isolado, nem um ato psicofisiológico de realização do enunciado, mas o evento social de interação verbal, realizado no enunciado e nos enunciados. É a interação verbal que constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (VOLOSINOV, 2012, p.319). (Em itálico no original)

Sob influência de seus estudos partilhados com Jakubinskij sobre Sorokin, Volochinov, neste trecho, insiste em dois aspectos de extrema importância para o desenvolvimento de suas convicções sobre linguagem. O primeiro se manifesta ao definir qual é o seu objeto de estudos – o enunciado -, considerado por ele como “a realidade efetiva da linguagem”, isto é, a manifestação concreta e viva da

linguagem; o segundo, ao defender a natureza dialógica da linguagem verbal, e negar, com veemência, sua natureza monológica. O objeto de sua pesquisa poderia assim ser delimitado: são os estudos sobre o enunciado, considerado como a realidade da linguagem, de natureza dialógica, criado em eventos de troca verbal, em que as palavras de um impactam a consciência do outro. Necessário é destacar, ainda, o trecho acima citado, agora na tradução brasileira de MFL (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1988, p.123), derivada da primeira versão francesa, traduzida de forma equivocada ao substituir, principalmente, *enunciado* por *enunciação*:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação*, ou das enunciações. Interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (itálico no original).

A importância do cotejo entre as duas citações reside no conseqüente desvio do objeto de Volochinov, porque a “verdadeira substância da língua”, ou ainda melhor “a realidade efetiva da linguagem” seria, para ele, o enunciado, em vez da enunciação (como consta na primeira versão brasileira), criado na interação verbal, de natureza dialógica em todos os seus sentidos.

Para esclarecer um pouco mais esses vínculos e também a superação de algumas proposições de Sorokin feitas por Volochinov, alguns parágrafos merecem ser a eles dois dedicados, tendo como referência os estudos de Tylkowski (2012), para quem Sorokin abre as portas a Volochinov dos estudos do *fato social elementar*, entendido como interação entre os indivíduos, e o *fato social complexo*, compreendido como interação entre os grupos sociais. Sorokin argumenta que o conjunto de todos os tipos de interação social constitui a vida social. (TYLKOWSKI, 2012). Essa interação social é concebida como “um processo ao longo do qual ‘as experiências psíquicas vividas [*psixiceskie perezivaniya*] ou os atos exteriores [*vnesnie akty*] de um indivíduo se trocam em função das experiências vividas e dos atos exteriores do outro (ou de outros) indivíduo(s).’ (Sorokin [1920] 1993: 102).” (TYLKOWSKI, 2012, p. 217). Tylkowski (2012) sugere que a visão de fato social de Sorokin se aproxima da de Bukarin (1888-

1938), mas queremos enxergá-la no cenário de seus vínculos com o pensamento de Volochinov, pleno de metáforas, como a do mar, que abaixo se pode observar, em recortes da citação de Sorokin a respeito da concepção de vida social. (apud TYLKOWSKI, 2012, p.219):

[...] Dito de outra forma, cada um de nós está mergulhado em um mar humano. Suas ondas vêm constantemente bater em nosso organismo sob a forma de palavras, de contatos psíquicos, de movimentos, de golpes, de atos percebidos pelos órgãos olfativos, da vista, da audição, de tocar o corpo por todos os lados. Eles nos forçam a eles reagir sem cessar por palavras, por gestos, por movimentos de pés, de todo o corpo, por uma série de esforços, de atos, em suma, por um conjunto de atos simples e complexos, difíceis e fáceis, dolorosos e agradáveis, etc. (SOROKIN [1920] 1993, p.164).

Não o mar, mas o oceano, não as ondas, mas o banho nele, também foram recursos metafóricos de Volochinov para explicar a natureza ideológica do signo exterior e sua relação com o signo interior na formação da consciência:

De outro lado, todo fenômeno ideológico no curso de sua formação passa pelo psiquismo como instância necessária. Deve-se repetir: todo signo ideológico externo, qualquer que seja sua natureza, está banhado por todos os lados pelos signos internos, quer dizer a consciência. Ele nasce desse oceano de signos internos e ele continua a viver aí, porque a vida do signo externo é constituída pelo processo constantemente renovado de sua compreensão, de sua experimentação na vida, de sua assimilação, quer dizer, do fato que se o introduz de maneira nova no contexto interior. (VOLOSINOV, 2010, p.185).

Vigotski também usa metáforas para abordar a constituição da consciência por meio da linguagem verbal:

A consciência se reflete na palavra como o sol em uma pequena gota d'água. A palavra está para a consciência como o microcosmo está para o macrocosmo, como a célula para o organismo, como o átomo para o universo. Ela é o microcosmo da consciência. A palavra significativa é o microcosmo da consciência humana. (VYGOTSKI, 1997, p.346-347).

Curiosamente, Sorokin afirma que as ondas de um mar humano atingem o homem em forma de palavras; Volochinov entende que o signo exterior se banha no oceano da consciência e ali se renova; e Vigotski eleva a palavra a uma gota d'água onde a consciência é refletida; os três pesquisadores se banham no universo das metáforas aquáticas, e atribuem à palavra o estatuto fundamental

de signo constituinte da consciência.

Em dois enunciados na citação de Sorokin, via Tytkowski (2012), o conceito de *palavra* ganhou destaque nesse imenso conjunto de interações sociais por ele esboçado: de um lado, ela, a palavra, vai em direção ao outro; por outro, ela vem, a partir de quem a recebe, em direção a quem a lança, como reação à palavra anterior, todas elas ligadas umas às outras pela situação extraverbal que as envolve, ou, metaforicamente, pelo mar e suas ondas. As palavras trocadas fazem parte dos mediadores a que se refere Sorokin, compreendidos como “fenômenos que permitem interagir não somente as pessoas que se encontram em presença física imediata, mas também aquelas que estão separadas do ponto de vista espacial e temporal” (TYLKOWSKI, 2012, p. 219).

Em nota de rodapé, tão importante que deveria vir no corpo do texto, Tytkowski aprofunda suas observações sobre o conceito de mediadores em Sorokin que, curiosamente, aproxima-se de posições tomadas por Vigotski em relação à escrita vista como um simbolismo. Em Vigotski a palavra, em sua condição de signo, ocupa uma função mediadora na relação entre os homens, e ainda outra, a função constitutiva do pensamento, como está também em Sorokin:

Sorokin designa por *mediadores* os *símbolos* ou os *signos* que ele define como as “formas externas de todo pensamento [*mysl*] e de todo ato consciente.” (Sorokin, 1910: 10). Os “símbolos” ou os “signos” são as manifestações “materiais” ou a objetivação dos fenômenos psíquicos e do pensamento. [...] Sorokin concorda por analogia com a idéia de Humboldt retomada por Potebnja, segundo a qual *a palavra humana é inteiramente simbólica* desde que ela exprima o pensamento, que “a vida social não é outra coisa senão simbólica” ou um *processo de troca de símbolos de símbolos*. Se Sorokin faz a distinção entre “símbolos” e “símbolos de símbolos” (ou símbolos de segundo, terceiro grau, etc.), em *O sistema de símbolos*, ele opõe “mediadores físicos” e “mediadores simbólicos”. (TYLKOWSKI, 2012, p.220).

Preocupados em não perder o fio condutor deste ensaio, mas provocados pelo cotejo de afirmações entre alguns dos pesquisadores russos aqui citados, entendemos ser boa curiosidade científica, cotejar o último período do trecho de Sorokin com estes de Vigotski, quando este analisa a relação entre a linguagem escrita e a linguagem oral, notadamente a sua natureza simbólica e as relações

entre símbolos:

A situação da escrita é uma situação em que a pessoa a quem ela se dirige ou está ausente, ou não se acha em contato. Trata-se de uma linguagem-monólogo, de conversação com uma folha de papel em branco, com um interlocutor imaginário, ou que se imagina, enquanto toda situação de linguagem oral é uma situação de conversação. A situação da linguagem escrita é uma situação que exige da criança uma dupla abstração: a do aspecto sonoro da linguagem e a do interlocutor. Nossa investigação mostra que aí se encontra a segunda das principais dificuldades em que tropeça o aluno ao assimilar a linguagem escrita. Evidentemente, a linguagem sem som real, que a criança imagina e pensa, que exige uma simbolização dos símbolos sonoros, quer dizer, uma simbolização de segunda ordem, deverá ser tão mais difícil em relação à linguagem oral como é para a criança a álgebra em relação à aritmética. (VYGOTSKI, 1997, p.230).

Claramente percebe-se que Sorokin não envereda em direção à linguagem escrita e seus símbolos mediadores, porque a sua atenção se dirige essencialmente para o “processo de troca de símbolos de símbolos”, isto é, considera símbolos de primeiro grau e outros de segundo grau, mediadores todos no vasto campo da vida social. Vigotski, todavia, ao que parece, se apóia nesse mesmo princípio para considerar os mediadores da linguagem escrita, isto é os signos, como “símbolos de segunda ordem”, como símbolos de símbolos, uma relação entre símbolos de linguagem escrita e símbolos da linguagem oral, de ordens diferentes, ou de graus diferentes, como consta na terminologia de Sorokin.

Volochinov também se mete nessa discussão, logo no início do primeiro capítulo de MPL, ao estabelecer os limites dos símbolos e o nascimento dos signos: “o pão e o vinho tornaram-se símbolos religiosos nos sacramentos cristãos de comunhão. Mas um produto de consumo enquanto tal não é um signo” ou, ainda, que “toda imagem artístico-simbólica à qual o objeto físico pode dar nascimento é já um produto ideológico”. (VOLOSINOV, 2010, p. 129). Esses comentários resvalam em direção aos de Sorokin, principalmente ao considerar símbolos e signos como mediadores na vida social, e ao fazer referência às categorias de mediadores físicos e de mediadores simbólicos.

O que importa, sobretudo, é constatar esses vínculos, do mesmo modo que é possível encontrar a expressão *fato ideológico e social em Volosinov*, quando este

anuncia a consciência individual como de fato social, sem ver, nesta assertiva, nenhum traço de contradição. Ao fato social de Sorokin, Volochinov atribui outro traço: o ideológico:

A consciência individual é um fato ideológico e social. Enquanto esta tese e todas as conseqüências que dela resultem não forem reconhecidas, não se poderá construir nem uma psicologia objetiva, nem uma ciência objetiva das ideologias. (VOLOSINOV, 2010, p.135). (Itálico no original).

Volochinov não se apropria integralmente das categorias *fato elementar* e *fato complexo*, de Sorokin acima citados, mas, como observa Tylkowski (2012), se aproxima daquilo que revela o fato complexo, por conceber todas as manifestações humanas como dialógicas, pelo viés de uma visão monista, orientadora de suas posições a respeito da linguagem. No trecho citado, essa visão, aparentemente paradoxal, se manifesta, ao concluir que a consciência individual não é estritamente individual, mas um fato de natureza ideológica, isto é, um fato mergulhado nas águas da criação ideológica e das trocas sociais situadas no universo da superestrutura. O termo *fato* revela a realidade dos atos exteriores dos homens trocados nas interações sociais, ou nas trocas sociais, nas quais um dá e recebe, alterando-se nessa troca, nesse escambo mediado pelos signos. Daí resultar a afirmação categórica de Volochinov de que a consciência é um fato ideológico e social.

Passamos até aqui por conceitos de interação social, de vida social, por fato social, de palavra como mediadora dos fatos sociais, para então encontrarmos essa palavra em um infundável diálogo, materializada em enunciados, na concepção de Volochinov. Tylkowski retoma essa ligação entre eles e deles com o linguista russo Scherba, referência de Jakubinskij a respeito do diálogo:

O diálogo é “a forma mais natural da linguagem” (Jakubinskij 1923: 132-139; Volosinov, 1930^a: 69). Presente nos dois pesquisadores, essa ideia foi desenvolvida diferentemente por cada um. Volosinov aceita essa ideia como uma evidência, enquanto Jakubinskij a justifica longamente, evocando Lev Scerba que [...] opôs *diálogo* e *monólogo* como formas “natural” e “artificial” de troca verbal. Jakubinskij aprova essa distinção. (TYLKOWSKI, 2012, p.234). (Itálico no original).

Segundo Tylkowski (2012), para Volochinov o monólogo não existe, já que

se trata de pura abstração. Essa recusa se explica pelo princípio de que o enunciado é a manifestação concreta da troca verbal, razão que o leva a se materializar no diálogo e a tornar-se, para Volochinov, objeto de estudos de natureza objetiva. Para melhor compreender os vínculos entre Scherba⁶, Jakubinskij, Volochinov e Vigotski, creio ser necessário consultar diretamente o que pensam os três últimos, cada um a seu turno.

O diálogo e o monólogo: aproximações e distanciamentos entre mestres e discípulos

Por beber nas águas do mesmo contexto intelectual dos estudos de linguagem no qual Jakubinskij e Scherba eram figuras de referência, Vigotski também elege a natureza dialógica e monológica do discurso como tema de seus estudos. Esses dois autores são por ele diretamente citados, especificamente ao assumir o princípio de que o diálogo seria a forma natural de linguagem, enquanto o monólogo teria uma forma mais elaborada e complexa, conceitos que tomavam em Scherba a denominação de natural e artificial, respectivamente. O princípio do conceito de complexidade já estava em Sorokin, como vimos pouco antes e vai ser retomado também por Jakubinskij e por Vigotski. Este último afirma que

Scherba assinala que o diálogo é a forma natural de linguagem oral. Supõe que o monólogo é, em grande medida, uma forma de linguagem artificial e que a língua manifesta sua verdadeira natureza no diálogo. Com efeito, de um ponto de vista psicológico, a linguagem dialogada é a forma primária de linguagem. Yakubinski expressa o mesmo pensamento, dizendo que o diálogo, que constitui indubitavelmente um fenômeno cultural, é, ao mesmo tempo, um fenômeno mais natural que o monólogo. Para a investigação psicológica, é indubitável o fato de que o monólogo representa uma forma de linguagem mais elevada, mais complexa, de desenvolvimento histórico mais recente que o diálogo. (VIGOTSKI, 1997, p.327).

Ele incorpora, deste modo, em seus estudos sobre a linguagem oral e sobre a linguagem escrita, o pensamento de Scherba sobre a importância do diálogo como instância de constituição e de materialidade primeira da língua, e com

⁶ A grafia Scerba respeitará as referências. O uso fora das referências terá a grafia Scherba.

Jakubinskij retoma o caráter cultural do diálogo como instância onde ele tem origem. São pontos de partida fundamentais de seus estudos para atribuir à linguagem verbal o seu caráter histórico e o cultural, e, por essa razão, mais próximos ao que é natural, diferentemente da instância monológica de linguagem, resultante de um processo de apropriação e transformação da linguagem exterior em linguagem interior a ser objetivada durante o processo dialógico. É também por isso que Vigotski assume, no final do trecho citado, fora de qualquer dúvida, o fato de que o monólogo vem após o diálogo no processo de histórico de criação.

Pelos sinais das palavras indicados por Vigotski, nos dirigimos diretamente a Jakubinskij para lidar diretamente com o que ele diz a respeito do tema, apoiado em seu mestre Scherba, cujos estudos o levaram a se preocupar com o diálogo, considerado como o ponto de partida dos estudos da linguagem verbal, tanto para ele, quanto para Vigotski. Volochinov elegeria, a partir do diálogo, o enunciado como seu objeto de investigação, como já foi dito. No início do capítulo IV do artigo sobre o discurso dialogal, Jakubinskij remete-se diretamente a Scherba para atribuir a ele a primazia das primeiras observações sobre a relação entre diálogo e monólogo:

Os linguistas mais atentos, sobretudo os que se ocupam dos dialetos vivos, tomaram sempre consciência de que não se pode deixar de considerar uma “teoria” do diálogo e do monólogo. É, sobretudo, o professor L.V. Scherba que, em sua obra *O dialeto sarábio oriental*, sublinhou a importância de distinguir as formas dialogal e monologal para a análise dos fenômenos de linguagem. (JAKUBINSKI, 2012, p.93).

A partir dessa introdução, Jakubinskij faz longas citações de Scherba para, em seguida, comentá-las e aprofundá-las como neste caso em que explica a relação do diálogo com o conceito de interação:

Na essência, toda interação entre indivíduos é mais precisamente uma *inter*-ação. Por sua natureza, ao buscar evitar a unilateralidade, ela esforça-se para ser bilateral, “dialógica” e foge do “monólogo”. (JAKUBINSKI, 2012, p.95. Itálicos no original).

A distinção feita por Jakubinskij atribui ao monólogo o caráter da unilateralidade, enquanto concede ao diálogo o sentido da bilateralidade

constituente da interação, cujas “ondas batem em nosso organismo sob a forma de palavras” como afirmava Sorokin. Entretanto, o diálogo admitiria manifestações diferentes do face a face, com a emissão de réplicas orais ou escritas trocadas intensa e rapidamente, mas que se manifestam no que ele considera como fala interior, conceito também discutido por Vigotski. Nas palavras de Jakubinskij:

Esse fenômeno de réplicas se exprime na fala interior que acompanha a escuta de uma “exposição”. Ele se materializa frequentemente sob a forma de notas traçadas num papel, e os “debates que se seguem são apenas uma realização sistemática, ou, às vezes, fragmentária, do fenômeno de réplicas interiores acompanhando a recepção de um monólogo. (JAKUBINSKIJ, 2012, p.89-89).

Jakubinskij admite que uma apresentação oral dirigida a uma platéia, entendida como um evento de natureza monológica, suscita réplicas explícitas ou não. Entre as não-explícitas se encontram os diálogos de fala interior, não exteriorizados, resultantes da intenção do ouvinte de se posicionar em relação ao discurso monológico ouvido; as explícitas são anotações em um papel. Volochinov não vai admitir uma apresentação como um monólogo, mas como uma réplica a outros discursos, em uma cadeia enunciativa sem fronteiras. Para ele não há espaços para o discurso monológico. Enquanto Jakubinskij aceita e aprofunda a dicotomia de Scherba, Volochinov a rejeita parcialmente, mas aprofunda e alarga a concepção dialógica da linguagem. Vigotski, todavia, entende a objetivação do discurso interior como uma instância monológica do processo dialógico, notadamente a escrita, considerada altamente monológica em sua manifestação exterior.

Para explicar o caráter natural do diálogo e o artificial do monólogo anunciados por Scherba, Jakubinskij destaca o caráter convencional da dicotomia:

O que se quer que seja, não há dúvida para mim de que a utilização dos termos “natural” e “artificial” em relação ao monólogo e ao diálogo tem um caráter convencional. No final das contas, o monólogo e o diálogo são manifestações naturais de tal ou tal sistema social, como são naturais as próprias causas do monólogo e os fatores externos que determinam suas condições de realização. Pode-se afirmar que o diálogo tem um caráter natural,

essencialmente no sentido de que ele corresponde, como alternância de ações e reações, aos fatos sociais de interação nos quais o social se aproxima o mais perto possível do biológico (psicofisiológico). Se o diálogo é um fenômeno da “cultura”, ele é, tanto quanto ou mais do que o monólogo, um fenômeno da “natureza”. (JAKUBINSKI, 2012, p.101).

De certo modo, ele considera as duas manifestações naturais com uma nuance apenas que os distancia, porque o diálogo incorpora o caráter natural apenas por se aproximar dos fenômenos da natureza, do ato natural, quase fisiológico, de um dizer e de o outro responder. Ao ampliar o conceito de diálogo, Volochinov praticamente ignora o comentário de seu mestre. Em *A estrutura do enunciado*, no tópico em que aborda o discurso monológico e o discurso dialógico, Volochinov insiste, segundo Tylkowski (2012, p.235), em afirmar que o monólogo é apenas uma abstração, porque toda “expressão verbal faz parte de uma troca, de um diálogo que está onipresente na vida social de todo indivíduo.” Para comprovar sua afirmação, Tylkowski recorre diretamente ao texto de Volochinov. Aqui, nos parece necessário cotejar duas traduções para o francês sobre o diálogo, do mesmo trecho, com o intuito de evidenciar variações conceituais, especialmente em relação ao termo *troca* (*échange* (francês) e *obszenie* (russo)). A primeira a ser transcrita é a de Todorov (1981) e a segunda de Tylkowski (2012), mas é preciso considerar, entretanto, possíveis deslizamentos de nossa tradução de ambas do francês para o português. O foco, todavia, permanece sendo o conceito de diálogo e de enunciado. Em Todorov (1981):

Considerando o processo segundo o qual se formam esses pequenos gêneros cotidianos, nota-se que a relação discursiva onde eles aparecem e tomam forma acabada se divide em dois momentos: a enunciação, que é feita pelo locutor; a compreensão do enunciado pelo ouvinte, a qual contém sempre já os elementos de resposta. Com efeito, em condições normais, nós estamos sempre de acordo ou em desacordo com o que se diz: e nós trazemos, de ordinário, uma resposta a todo enunciado de nosso interlocutor – resposta, que não é sempre verbal, e pode consistir ao menos em um gesto, um movimento de mão, um sorriso, um aceno com a cabeça, etc. Pode-se então dizer que toda comunicação, toda interação verbal se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, quer dizer na dimensão de um diálogo. O diálogo – a troca de palavras – é a forma mais natural de linguagem. (VOLOSINOV, 1930 apud TODOROV, 1981, p.292).

Em Tylkowski (2012):

A troca verbal [...] se compõe de dois elementos: o enunciado do locutor e a compreensão desse enunciado pelo ouvinte. Este último contém sempre já os elementos de resposta. Com efeito, em condições normais, *nós estamos sempre de acordo ou em desacordo com o que nós ouvimos*. Habitualmente, nós respondemos a todo enunciado de nosso interlocutor. Se nossa resposta não é sempre verbal, ela consiste ao menos em um gesto: um movimento de mão, um sorriso, um aceno com a cabeça, etc. Pode-se dizer que toda troca (*obschenie*), toda interação verbal se realiza sob a forma de *uma troca [obmen] de enunciados*, quer dizer sob a forma de diálogo. O diálogo – a troca verbal – é a forma mais natural da linguagem. (Volosinov, 1930^a: p.68-69). (VOLOSINOV apud TYLKOWSKI, 2012, p.235-236). (Itálicos no original).

As duas versões, embora diferentes em alguns termos mais adiante analisados, destacam o princípio de Volochinov de que não há espaços para realização concreta do monólogo, porque todas as manifestações verbais solicitam trocas, ou pelo verbo ou por outros signos, mas há sempre troca. Por essa razão, o diálogo é a base sobre a qual se funda a linguagem, e a troca verbal de enunciados é a sua manifestação concreta. O emprego de (*échange*, em francês) para o conceito russo *obschenie* revela mais do que uma escolha de palavras: revela a tomada de outro conceito, o de *comunicação por troca verbal*, e sua relação com a dicotomia monólogo/diálogo. Adiante este tema será retomado. Por ora, convém ressaltar em ambas as versões a ligação estreita de Volochinov com o pensamento de Jakubinskij e Scherba no último período do trecho citado, diferentes apenas pelo uso da expressão *troca de palavras (mots* em francês) em Todorov, e *troca verbal* em Tylkowski, mas a visão sobre o diálogo permanece a mesma: “o diálogo é a forma mais natural da linguagem”.

À diferença do que assumiria Volochinov sobre a abstração do monólogo, Jakubinskij dá a ele existência concreta:

Do mesmo modo, às formas *alternantes* da interação, as quais subentendem uma troca [*échange*] rápida de ações e de reações entre os indivíduos, corresponde a *forma dialogal* da comunicação verbal. Quanto à forma *longa* de ação endereçada para alguém, quando da comunicação, é a *forma monologal* que a ela corresponde. (JAKUBINSKIJ, 2012, p.77. Itálicos no original).

Ou, ainda, a relativiza a sua existência apartada do movimento dialógico:

É de se notar que mesmo a recepção de um monólogo escrito (um livro, um artigo) provoca interrupções e réplicas, em certos casos no pensamento; em outros casos, em voz alta, ou ainda por escrito, sob a forma de sublinhas, anotações nas margens, folhas inseridas etc. (JAKUBINSKIJ, 2012, p.101).

Ao admitir que o artigo e o livro sejam manifestações monológicas, apesar de provocadoras de respostas, de réplicas, Jakubinskij torna-se fonte próxima e acrítica de Vigotski, mas, por outro lado, submete-se à visão mais crítica elaborada por Volochinov: o primeiro por entender que a escrita é uma instância monológica constituída pela transformação da linguagem exterior em interior em movimento de objetivação, e o segundo por considerar a monólogo pura abstração, já que o enunciado, unidade fundamental das trocas verbais, se apresenta sempre em situações dialógicas, em qualquer instância.

Convém voltar aos dois trechos de Volochinov há pouco citados, para comparar alguns termos de duas traduções – a de Todorov e a de Tylkowski, para melhor ser compreendido o próprio movimento dos conceitos e sua evolução nas versões para o francês. No primeiro trecho, o de Todorov, logo no início, revela-se mais inteira a referência a gêneros do discurso, resultantes das manifestações discursivas quotidianas e de sua materialização, sua forma acabada. Tylkowski, em sua versão para o francês, por outro lado, vai diretamente à noção de diálogo, compreendido como troca verbal, com a intenção de fazer eclodir dois de seus elementos constitutivos: o enunciado do locutor e o enunciado responsivo do ouvinte que assume o turno de locutor – ambos são locutores e ouvintes em situação de troca verbal. No primeiro trecho, entretanto, Todorov, em sua tradução, utiliza usa o termo *enunciação* (*enunciation*) em vez de *enunciado* (*énoncé*) na primeira formulação, ao se referir ao ato do locutor, mas *enunciado*, na segunda, ao referir-se à compreensão pelo ouvinte. Tylkowski, de seu lado, usará sempre *enunciado*, porque foi esse efetivamente o objeto de estudos de Volochinov, tanto é que o título do artigo a que se reporta o trecho chama-se *A estrutura do enunciado*. O tradutor brasileiro e estudioso da obra do círculo de Bakhtin, Paulo Bezerra, reconhece em sua última tradução de *Os gêneros do discurso* (2015), que Volochinov não tem mesmo a enunciação como objeto, mas o enunciado, um objeto concreto, sujeito a pesquisas de natureza objetiva. Ao usar o

conceito de troca verbal, Tylkowski (2012) como Sériot e Tylkowski-Ageeva (2010), o coloca em lugar de *comunicação*, utilizado por outros tradutores e mesmo por Todorov no trecho citado. Na versão de Todorov, lê-se que “pode-se então dizer que toda comunicação, toda interação verbal se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, quer dizer na dimensão de um diálogo”, enquanto Tylkowski-Ageeva e Sériot destacam o conceito de troca e de interação verbal (*obsenie*) e de troca de enunciados (*obmen*): “Pode-se dizer que toda troca (*obsenie*), toda interação verbal se realiza sob a forma de *uma troca [obmen] de enunciados*, quer dizer sob a forma de diálogo.”

Tylkowski-Ageeva e Sériot (2012) preferem traduzir *obsenie* por *échange* para o francês (*troca*, em português), em vez de empregar *communication* (*comunicação*, em português), porque esta última palavra faz parte de outro campo teórico, de uso mais recente, no domínio da Teoria da Comunicação, derivada dos estudos estruturalistas do século XX e, é possível compreender, se aproxima mais do conceito de monólogo do que do de diálogo. Os argumentos dos tradutores são expostos na nota *d* na *Introdução* de *Marxisme et Philosophie du Langage* (2010) para o francês:

A palavra *obsenie* pode corresponder a “comunicação” ou por “troca”. Daí “troca ideológica”: Volosinov utiliza sempre a palavra *obsenie* e não *kommunikacija*, que ele emprega apenas uma vez, para explicar a noção de mensagem (MPL, p. 88). Essa oposição é muito presente na vida intelectual russa. Por *kommunikacija* compreende-se uma troca entre duas entidades estáveis e individuais, que não se modificam ao curso dessa troca (grosso modo, elas trocam sem trocar), enquanto *obsenie* é compreendida como o campo da existência de “sujeitos” que não existem fora dessa troca e separadamente um do outro. *Obsenie* é formada a partir de *obsij* [comum a um conjunto unitário], enquanto *kommunikacija* designa uma troca que sublinha a diferença, a ruptura. De outra parte, *obsenie* designa uma atividade bem mais ampla que a simples comunicação, compreendendo a produção, o trabalho comum, as relações humanas, tornando-se praticamente sinônimo de *obscestvo* [sociedade], enquanto *kommunikacija* está limitada ao domínio verbal, ou linguageiro [...]. É por isso que nós propomos “échange” (troca) e não “communication” (comunicação), que evoca mais a moderna teoria da comunicação, sistematicamente criticada por Volosinov e Bakhtin a propósito do “esquema da fala”, da p. 27 do CLG (Curso de Linguística Geral) de Saussure. (SÉRIOT, 2010, p.123. Itálicos no original).

A edição brasileira de MFL, baseada na primeira tradução francesa da década de 1970, emprega apenas o termo *comunicação*, sem entrar na discussão sobre a ambiguidade do termo *obsçenie*, como faz cautelosamente Tylkowski-Ageeva e Sériot. Seus argumentos, todavia, consideram o contexto da intelectualidade russa nas primeiras décadas do século XX e, sobretudo, a coerência entre esse conceito e todo o amplo universo dos estudos do assim considerado círculo de Bakhtin de que fizera parte Volochinov. Entretanto, deve-se considerar que se trata de uma escolha feita por tradutores em uma obra específica. E isso tem implicações para o conceito de diálogo, porque nele não há rupturas, como na comunicação, mas trocas que afetam locutores e interlocutores, tal como afirmava Sorokin a respeito da natureza do fato social. A tradução brasileira de 2017, de Grillo e Américo (2017, p. 99) traz também uma nota a respeito da referência à palavra comunicação em um trecho assim traduzido: “Além disso, existe um campo enorme da comunicação ideológica que não pode ser atribuído a uma esfera ideológica. Trata-se da *comunicação cotidiana*.” (Itálico no original). E nota de rodapé, as tradutoras explicam as escolhas: “O termo utilizado é *obsçênije jíznennoe*, que literalmente seria “comunicação da vida”. Optamos por “cotidiana” por ser o termo que melhor expressa o fenômeno tratado, isto é, as interações que ocorrem no dia a dia.” O mesmo trecho na tradução de Sériot e Tilkowski-Ageeva (2012, 139) é assim traduzido: Enfim, existe um imenso domínio de troca ideológica que não coincide com nenhuma esfera ideológica particular. Trata-se da *troca na vida cotidiana*.” (Itálico no original). Esta última tradução não opta por comunicação em nenhuma das duas referências no trecho, diferentemente da primeira.

A complexidade do monólogo em relação ao diálogo: outras aproximações entre Jakubinskij e Vigotski

A apreciação que Vigotski faz do conceito de diálogo e de monólogo se aproxima estreitamente do que afirmava Jakubinskij, diferentemente das posições mais críticas de Volochinov. Dois trechos a respeito da natureza mais complexa do monólogo escrito e da naturalidade do diálogo, construídos pelos dois

estudiosos se tocam com expressões e palavras. De início, registro a fonte, Jakubinskij, e, em seguida, o discípulo, Vigotski. Para evitar longas citações, faço recortes específicos para evidenciar a proximidade entre eles. Em Jakubinskij:

Contrariamente à simplicidade da composição do diálogo, o monólogo apresenta certa *complexidade de composição*. O fato de o material ser disposto de modo complexo tem um papel de grande importância e introduz os *fatos verbais no campo claro da consciência; a atenção se concentra mais facilmente neles*. [...] *A fala monologal escrita deve ser ainda mais fortemente oposta à fala dialogal*. Aqui desaparecem as mímicas, os gestos, a entonação, a percepção direta do interlocutor e as especificidades de compreensão que a ela estão ligadas e que caracterizam a fala dialogal e, em certa medida, a fala monologal oral. (JAKUBINSKI, 2012, p.107. Itálicos no original).

Em Vigotski:

Este [o ato volitivo] se constata no diálogo através de uma simples observação. Com efeito, diferentemente do monólogo (especialmente o escrito), a comunicação dialogada prevê a possibilidade de expressão imediata e não premeditada. O diálogo é uma linguagem composta de réplicas, uma cadeia de reações. A linguagem escrita, como temos visto, está relacionada com o princípio da consciência e da intencionalidade. O diálogo oferece quase sempre a possibilidade de deixar a expressão sem terminar, de fazê-lo de forma incompleta. Não requer mobilizar todas as palavras que seriam necessárias para expressar o mesmo pensamento complexo em situação de linguagem monológica. Diferentemente da simplicidade composicional do diálogo, o monólogo supõe uma complexidade quanto a sua estrutura, o qual atrai sobre os atos de linguagem o foco da consciência, concentrando mais atenção neles. No monólogo, as relações verbais se convertem em determinantes, em fontes de sensações, se fazem presentes na consciência por elas mesmas. Está muito claro que a linguagem escrita é o reverso da linguagem oral. Nem os interlocutores compartilham a situação de antemão, nem há possibilidade alguma de recorrer à entonação expressiva, à mímica, ao gesto. (VYGOTSKI, 1997, p.327-328).

Vigotski segue fielmente os escritos de Jakubinskij, quase próximo mesmo a uma paráfrase em certos trechos, ao abordar a complexidade do monólogo, notadamente a linguagem escrita. A oral, por seu turno, se confunde com o diálogo em sua materialidade sonora e na hibridização entre palavras e seus acompanhantes visuais como a mímica, os gestos manuais, faciais e corporais, e, ainda, a entonação, de natureza sonora ou axiológica, no sentido que dá

Volochinov a este último conceito. A composição do monólogo, talvez mais o escrito, e menos o oral, estruturado este último praticamente com palavras sonoras, é diferente do diálogo, em Jakubinskij; Vigotski acentua essa distinção ao afirmar que o monólogo “supõe uma complexidade quanto a sua estrutura, o qual atrai sobre os atos de linguagem o foco da consciência”, deixando de usar outros recursos visuais e sonoros que não a palavra, o enunciado. Tanto em um como em outro, o diálogo ganha contornos mais nítidos como uma manifestação face a face, conceito restritivo para Volochinov e para todo o círculo de Bakhtin.

Na sequência da argumentação, novamente Vigotski bem se aproxima de sua fonte, no entrecruzamento das análises sobre a manifestação monológica, característica da escrita, e seu processo interno de construção em direção a sua objetivação sobre a superfície dos suportes exteriores. O primeiro trecho é de Jakubinskij:

A tendência natural de examinar o que se escreve e nele fazer correções se manifesta mesmo nos casos simples como uma breve exposição ou bem uma resolução a um objeto de uma petição; é isso que explica também o uso do “rascunho”. A passagem do “rascunho” a “limpo” é a via de uma atividade complexa; mas, mesmo na ausência de um rascunho real, a reflexão está sempre fortemente presente na fala escrita. Frequentemente, de início se enuncia “na cabeça” e em seguida se escreve: aqui estamos na presença de um “rascunho mental”. (JAKUBINSKIJ, 2012, p.109).

E este segundo, de Vigotski:

A linguagem escrita ajuda que a linguagem se desenvolva em uma forma de atividade complexa, e aí o uso de rascunhos. O caminho desde o rascunho e a escrita definitiva é o caminho dessa atividade complexa. Incluída sem rascunho material, a reflexão prévia é muito importante na linguagem escrita: com muita frequência dizemos primeiro para nós mesmos, e depois escrevemos; neste caso existe um rascunho mental. Esse rascunho mental da linguagem escrita é, como mostramos no capítulo anterior, a linguagem interna. A linguagem interior desempenha esse papel de rascunho mental, não só na linguagem escrita, mas também na oral. (VYGOTSKI, 1997, p.328).

Ambos, mestre e discípulo, atribuem complexidade à linguagem escrita, com acento em seu caráter monológico, porque haveria, antes de sua objetivação, elaborações internas feitas e refeitas, rascunhadas, apagadas, rasuradas, e, enfim, reelaboradas para serem projetadas materialmente na

superfície dos suportes, de acordo com o modo como compreende Jakubinskij, para quem “a fala escrita é uma fala fixada durante sua realização; o resultado é, portanto, algo que permanece, uma obra.” (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 85). A escrita ganharia mais complexidade no monólogo, porque o diálogo do cotidiano, no mundo da oralidade, é construído e lançado de chofre, velozmente, pelo locutor em direção ao interlocutor, como acentua Vigotski:

A rapidez do ritmo da linguagem oral não favorece o curso da atividade verbal como atividade volitiva complexa, isto é, mediante reflexão, deliberação e escolha. Pelo contrário, essa rapidez implica o seu desenvolvimento em forma de um ato volitivo simples, com elementos característicos dos hábitos. (VYGOTSKI, 1997, p.327).

Se para ambos o monólogo ganha existência concreta em oposição ao diálogo pela complexidade de sua construção, para Voloshinov todas as manifestações orais de um discurso ou de uma exposição, ou as escritas de um artigo ou de um livro, constituem-se manifestações dialógicas, porque se incluem numa infundável e inacabável cadeia dialógica historicamente tecida.

Conclusão

O percurso do artigo que chega à sua conclusão atribuiu destaques a um tema dos estudos de linguagem frequentemente discutido, tanto em ensaios como este, como em artigos que relatam pesquisas feitas com metodologia da língua materna. Nestas, os gêneros do discurso e suas múltiplas manifestações têm recebido atenção dos pesquisadores. Por essa razão, o tema da dicotomia ou da falsa dicotomia diálogo/monológico entra em cena. Aqui, o fio condutor dos comentários arrastou consigo os pontos de vista de pesquisadores russos do início do século XX sobre a temática, especificamente em alguns apontamentos de Vigotski e de Volochinov.

Não expostos de maneira explícita, alguns outros objetivos serviram também como orientadores do percurso. Um deles tinha o intuito de desvelar trechos de Vigotski e de Volochinov em relação estreita com o pensamento de Sorokin e de Jakubinskij para que o leitor pudesse compreender a infundável cadeia de adesões e de contrapontos construída por pesquisadores em torno do

diálogo. Neste caso, não se trata os materiais escritos como manifestações monológicas, mas profundamente dialógicas. Tanto Vigotski quanto Volochinov não inventaram conceitos em sua inteireza, mas os reelaboraram a partir dos estudos de seus mestres.

A segunda intenção, não claramente explícita para o leitor, era a de insistir em destacar os trabalhos de Jakubinskij, ainda pouco conhecido no Brasil, por meio da obra organizada por Ivanova (2012), pelas pesquisas feitas por Tilkowski (2012), e pelos textos deles publicados em francês. A terceira intenção era de levar um pouco o foco em direção à palavra russa *obschnie* que causou, e causa, controvérsias em traduções para o francês e para o português.

Finalmente, este ensaio pode ser considerado de natureza dialógica, porque se insere em uma ampla área do conhecimento, dialoga com autores deslocados no tempo e no espaço, dá-lhes voz, as escuta, as põe em diálogo e com elas também dialoga. A abundância de trechos citados revela essa perspectiva, a de dar voz aos pensadores e colocá-los em debate.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, B.; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Prefácio de Roman Jakobson. Apresentação de Marina Yaguello. Tradução do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988. (4ª. edição).

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

FREITAS, M.T.A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1994.

IVANOVA, I. (Org.). *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Textes edités et présentés par Irina Ivanova, traductions d'Irina Ivanova et Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

JAKUBINSKIJ, I. *Sur la parole dialogale*. In: IVANOVA, I. (Org.). *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Textes edités et présentés par Irina Ivanova, traductions d'Irina Ivanova et Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

SÉRIOT, P. Préface. In VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et Philosophie du Langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Préface de Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2010 (p.13-109).

TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine le principe dialogique* suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

TYLKOWSKI, I. *Volosinov en contexte*. Essai d'épistémologie historique. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

VIGOSTKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L.S. Pensamiento y lenguaje. *Obras escogidas II*. Trad. José Maria Bravo. Visor: Madrid, 1997.

VYGOTSKI, L.S. Estudio del desarrollo de los conceptos científicos en la edad infantil. *Obras escogidas II*. Trad. José Maria Bravo. Visor: Madrid, 1997.

VOLOSHINOV, V.N. La structure de l'énoncé. In TODOROV, T. (Org.). *Mikhail Bakhtine le principe dialogique* suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Tradução de Tzvetan Todorov. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et Philosophie du Langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Préface de Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

VOLOSINOV, V. N. Rapport d'Activité 1927-1928. Anexe. In. VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et Philosophie du Langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Préface de Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017. (1ª. edição)

Recebido em novembro de 2016

Aprovado em abril de 2017